

O EVENTO HISTÓRICO DO NASCIMENTO DO GÓTICO E SEU FUNDAMENTO FILOSÓFICO A PARTIR DO *CORPUS DIONYSIACUM*

Marcus Vinicius Carnivali de Araujo
Mestrando em Filosofia (UFRJ) - Bolsista Capes
marcuscarnivali@gmail.com

Resumo

Visando a importância do diálogo entre diferentes campos de estudo, o presente texto tem por objetivo apresentar como o evento do nascimento da arquitetura Gótica em 1144 relaciona movimentos históricos e filosóficos. Demonstraremos como esse marco na história da arte tem sua origem em um outro evento histórico anterior, a chegada do *Corpus Dionysiacum* em 827 em St. Denis, com os textos de Dionísio Areopagita (que no período era confundido com dois outros grandes nomes do cristianismo, também chamados Dionísio, o que dava às obras um status de quase relíquias). Será a partir deles que Suger vai se inspirar para promover e justificar as reformas em St. Denis, o berço do Gótico. Com isso pretendemos demonstrar como compreender a história da arte medieval, no caso do Gótico, passa necessariamente por conhecer a história da filosofia do período.

Palavras-chave: Gótico; Filosofia; Medieval; Dionísio; Estética.

Introdução

O presente texto surge da percepção sobre a oportunidade de promover um diálogo entre os campos da história da arte e da estética filosófica a partir do evento do nascimento do Gótico na basílica de St. Denis. Com esse objetivo em mente, vamos relacionar aqui questões que intercalam as dimensões da filosofia e da historiografia, visando demonstrar como, na questão que buscamos abordar, o conhecimento sobre uma se relaciona indissociavelmente com o conhecimento sobre a outra. Portanto, a escolha de trabalhar o nascimento da arquitetura Gótica não é arbitrária, pois esse importante marco da história da arte tem suas raízes num evento histórico igualmente importante para a filosofia medieval: a chegada dos textos filosóficos que compõem o *Corpus Dionysiacum* em St. Denis em 827¹. Peça importantíssima para a filosofia neoplatônica medieval (sendo influente na obra tanto de autores próximos da sua chegada, como João Escoto Erígena, até outros do fim da idade média, como Nicolau de Cusa), o *Corpus Dionysiacum* é um conjunto de obras composto pelos seguintes textos: *A Hierarquia Eclesiástica*, *A Hierarquia Celeste*, *A Teologia Mística*, *Dos nomes Divinos* e mais dez

1 Vide AREOPAGITA e CARVALHO, 2015, p. 27

epístolas². Dentre eles, três nos serão mais importantes no que diz respeito à influência sobre o Gótico, são eles: *A Hierarquia Celeste*, *A Teologia Mística* e o *Dos nomes Divinos*.

Visando apresentar essa relação entre o evento histórico e o evento filosófico, o presente texto será dividido em dois tópicos: Primeiramente, focando na questão historiográfica da identificação das obras, demonstraremos como um equívoco na datação e identificação do autor desses textos no período medieval fez com que os mesmos recebessem um status muito maior do que possivelmente receberiam se a autoria tivesse sido inicialmente identificada de forma mais precisa. Essa questão não é banal, pois é a partir da importância desses textos que Suger (abade responsável pela reforma que dá origem ao estilo Gótico) sustenta e inspira sua obra. Em outras palavras, não fosse a importância que receberam à época, não é absurdo imaginar que o estilo Gótico poderia não ter surgido como surgiu. Apresentado esse primeiro contexto histórico, vamos, no segundo momento do texto, apresentar como essa filosofia serviu de base para Suger se inspirar e sustentar sua reforma. Com isso pretendemos demonstrar satisfatoriamente aquilo que é o coração temático do presente texto, a saber, como o conhecimento sobre o nascimento do gótico no período medieval relaciona questões de filosofia e historiografia em seu cerne.

Os três Dionísios: o problema da datação e identificação dos textos filosóficos

A fim de iniciar a problemática guia do texto e destacar, não só o evento histórico da chegada do *Corpus Dionysiicum* em St. Denis, mas também ampliar a questão para temas como a identificação e datação histórica das obras, tanto da perspectiva atual, mas principalmente da perspectiva medieval sobre elas, vamos nesse tópico tratar da curiosa questão da identidade do autor do *Corpus Dionysiicum*, ou, como indica o título, a questão dos três Dionísios.

Conforme aponta Mário Santiago Carvalho, a identidade do autor das obras é um tema que permanece envolto em mistério até os dias atuais: “A falar verdade, a identificação deste autor permanece ou envolta num mito ou num programa em relação ao qual os investigadores pouco podem fazer, no sentido de nele serem capazes de avançar.” (AREOPAGITA e CARVALHO, 2015, p. 27). A perspectiva mais moderna que se tem sobre o seu autor é a de que provavelmente foi alguém que viveu em Atenas entre os séculos V e VI³. Mas tão

² Vide a Introdução à tradução da obra *Dos nomes divinos* por Bento Silva Santos, especialmente o tópico “I. O *Corpus Dionysiicum*” em AREOPAGITA, 2004, p. 22.

³ Vide: AREOPAGITA e CARVALHO, 2015, p. 29.

importante, ou talvez até mesmo mais importante, quanto quem foi o verdadeiro autor das obras é a questão de a quem elas foram atribuídas na idade média. Afinal, conforme vamos apresentar aqui, não foi à personagens insignificantes para o contexto da época que a autoria dos textos foi atribuída.

Temos nessa questão três Dionísios entrelaçados: Primeiramente, o Dionísio autor das obras que, como acabamos de citar, permanece ainda misterioso com respeito a sua exata identidade. Por essa razão passou a ser conhecido posteriormente pela alcunha de Pseudo-Dionísio Areopagita. Sobre isso, acho importante destacar aqui minha discordância com o emprego do termo “pseudo” em seu nome. Isso porque, mesmo que sem necessariamente carregar essa intenção, o termo pode carregar um forte caráter pejorativo, pois “pseudo” corriqueiramente traz uma sugestão de falsidade ou má fé, o que não necessariamente corresponde com as intenções originais do autor ao se auto-atribuir esse nome nas obras. Para reforçar minha posição destaco a observação de Bento Silva Santos que também questiona o termo:

Mesmo que se multipliquem as hipóteses sobre a identidade do autor do *corpus*, este afã de identificação cientificista não respeita o anonimato como mais fecundo para o pensamento que se deixa inspirar pela teologia do *corpus* e ignora o fato de que o problema da autoria não foi vivido pelo escritor com a intensidade crítica dos estudos modernos. (AREOPAGITA, 2004, pág. 23)

A escolha do nome para assinar as obras, ao que tudo indica, se deu como referência a um segundo Dionísio, importante para a tradição cristã, o personagem bíblico Dionísio juiz do Areópago⁴. Tal personagem é descrito na passagem bíblica *Ato dos Apóstolos 17:34*, na qual Paulo prega diante do “altar ao Deus desconhecido” e converte o personagem em questão ao cristianismo. A figura do “altar ao Deus desconhecido” é curiosa pois, conforme descrito no *Ato dos Apóstolos 17:23*, conta-se que os atenienses mantinham no Areópago altares dedicados a vários Deuses e dentre eles um era dedicado a um Deus sem identificação. É justamente diante desse que, conta-se, Paulo prega sobre o Deus cristão culminando na conversão do Dionísio bíblico⁵. O fato de Paulo associar o Deus ao qual prega com o “Deus desconhecido” ajuda a compreender a identificação do filósofo com a passagem em questão⁶, isso porque a questão da figura de um Princípio inefável é central na filosofia dionisíaca. Por fim, temos ainda um terceiro Dionísio que será articulado nessa confusão histórica, o mártir Dionísio, santo cristão ao qual a basílica francesa de St. Denis (São Dionísio) é dedicada. A história do santo Dionísio

4 Espécie de tribunal localizado em Atenas.

5 Vide o prefácio em AREOPAGITA, 2004, pp. 11-12.

6 Mais sobre a questão da identificação do Dionísio filósofo com o Dionísio bíblico pode ser visto no prefácio da tradução da obra em AREOPAGITA, 2004, pp. 12-13.

é também curiosa e se relaciona com a fundação da basílica de St. Denis. De forma breve, conta-se que o mártir, após ser decapitado, levantou-se com a ajuda de anjos e carregou sua própria cabeça até o local onde foi enterrado. Ali no ano de 313 foi erguido um memorial em sua homenagem e, mais tarde, em 475, uma capela, e em 754, uma abadia.⁷ Portanto, não é de se surpreender que, no período, um conjunto de textos de um autor identificado como Dionísio tivessem St. Denis como destino natural. Em suma, os três Dionisos são: o autor original do *Corpus Dionysiicum*, o personagem bíblico e o mártir cristão. Por vezes o autor foi identificado ora com um, ora com os dois ao mesmo tempo. A formalização dessa confusão entre os três personagens parece ter se dado pelo abade responsável pela basílica no período em que as obras são recebidas quando ele escreve uma bibliografia que associava os três como sendo um só:

O abade de São Dinis, na França, Hilduíno (séc. IX), escreveu uma biografia do autor do *Corpus dionysiicum* [...] em que o identificava com um certo Dinis que no Areópago da cidade de Atenas ouvira o próprio São Paulo, convertendo-se de seguida (Act. 17, 16-34), e acabando os seus dias como mártir em Paris (PL 16, 23). (AREOPAGITA e CARVALHO, 2015, p. 27)

Tal associação passa não só por questões de fé, mas também por interesses políticos⁸, afinal, identificar a autoria de tais textos com personagens tão célebres para a tradição cristã daria a eles um status de quase relíquias, o que certamente trazia um grande prestígio para a abadia que os abrigava. Conforme Carvalho também destaca e nos ajuda a compreender a importância de um texto desse porte na época:

Em 8 de Outubro do ano 827, Hilduíno aguardava, na sua Abadia, precisamente dedicada a São Dinis, a chegada de um manuscrito contendo aquele ‘corpus’. Não seria difícil imaginarmos o ambiente e o significado da festa que nesse dia se viveu. Estamos, evidentemente, num período em que um livro pode valer mais do que um vasto terreno de cultivo ou tanto quanto, hoje, um Ferrari 456, mas mal andaríamos se quiséssemos medir a importância deste acontecimento longe de qualquer cunho de ordem espiritual; assim, mesmo se eram poucos aqueles que sabiam ler, uma obra que se julgava tão contemporânea de Cristo era por si só uma riqueza que Monarquia e Igreja ocidentais não podiam desprezar; livro de Deus, objecto precioso, tal acontecimento teria um alcance autenticamente público e mesmo político. [...]” (AREOPAGITA e CARVALHO, 2015, p. 27)

A polêmica sobre a autoria das obras era levada tão seriamente que Abelardo, ao questionar a identificação dos Dionísios, foi tido como um traidor e condenado à prisão⁹.

7 Sobre isso vide o prefácio em AREOPAGITA, 2004, pp. 13-15.

8 Sobre uma análise mais a fundo dos interesses políticos relacionados com a questão da identidade do autor vide o prefácio em AREOPAGITA, 2004, pp. 18-19.

9 Vide PANOFSKY e SUGER, 1979, p. 17.

O fato é que, por questões de fé ou políticas, ou possivelmente ambas, um futuro abade de St. Denis, o abade Suger, também tinha os textos do *Corpus Dionysiaca* como sendo de grande prestígio. Ao ponto de que foi a partir deles que Suger se inspira e justifica a reforma da abadia no século XII (concluída mais precisamente no ano de 1144¹⁰) que dá origem à arquitetura Gótica.

Dionísio e o fundamento para o gótico

Apresentada a questão da atribuição da autoria e identificação dos textos, justificando e demonstrando o grande valor que a obra recebeu no período, vamos agora demonstrar como a partir delas surge a inspiração e até mesmo a defesa para o Gótico em St. Denis.

Panofsky na sua obra *Arquitetura gótica e escolástica* nos faz um alerta que é sempre importante de ser retomado: quando se tenta relacionar dois campos distintos (como filosofia e arte, ou filosofia e história) é preciso que se tome cuidado para não fazer relações (como as de influência) que a princípio podem parecer diretas, mas que não encontram fundamento que as sustentem numa análise mais a fundo¹¹. Ou seja, é preciso tomar cuidado para não se tomar como fato o que na verdade pode ser apenas coincidência. Entretanto, para nossa sorte, uma outra particularidade dessa história vem à tona. Diferente do que costumava ser padrão para os patronos de reformas no período medieval, Suger deixou registrado por escrito o processo de reforma de St. Denis, sendo possível ver ali, nas suas próprias palavras, suas influências e objetivos para a nova basílica. Existem duas especulações para o fato de Suger ter deixado por escrito o registro do seu trabalho¹²: a primeira delas é uma certa tendência à vaidade por parte do abade que queira deixar seus feitos registrados de forma permanente; a segunda, e na minha opinião mais importante, é a de que ele faz os registros para tornar permanente não seu papel na obra, mas sim suas justificativas diante dos ataques e críticas que sua empreitada sofreu, principalmente no que dizia respeito a suposta opulência em demasia da sua nova basílica. Críticas feitas principalmente pelo abade Bernardo de Clairvaux (futuramente canonizado como São Bernardo), que defendia que o templo deveria ser um local de humildade e abstinência e não de cores e luxo¹³. No fundo, mais do que uma questão sobre a opulência, o embate entre os dois era um conflito sobre o papel da sensibilidade na contemplação mística. Para Bernardo a beleza sensível é uma distração para a elevação, enquanto que Suger defendia o oposto e

10 Vide o início do capítulo I em PANOFSKY, 2001, pp. 1-2.

11 Vide a introdução de Panofsky em PANOFSKY e SUGER, 1979, p. 15.

12 BEIERWALTES, 1998, p. 131.

13 Vide PANOFSKY e SUGER, 1979, p. 12.

encontra em Dionísio um fundamento para a sua defesa do valor da sensibilidade como ferramenta de anagogia (arrebatamento místico):

Suger teve a boa sorte de descobrir, nas próprias palavras do três vezes abençoado São Dionísio, uma filosofia cristã que permitiu a ele saudar a beleza material como um veículo de beatitude espiritual no lugar de forçá-lo a fugir dela como de uma tentação; e para conceber tanto a moral como também o universo físico, não como um monocromático em preto e branco mas como uma harmonia de várias cores. (PANOFSKY e SUGER, 1979, p. 26. Tradução nossa do inglês)

Além da fundamentação para sua defesa do sensível, será também através da inspiração dionisíaca que Suger projeta aquilo que será uma das características mais marcantes da arquitetura gótica, os grandes vitrais. Pois, apesar de não terem nascido com o Gótico¹⁴, é nele que os vitrais recebem sua maior importância arquitetônica. Essa influência se dá pelo conceito denominado de metafísica da luz. Em resumo, Dionísio propõe que o mundo é uma manifestação da natureza divina, manifestação essa que se dá através da sua Luz que perpassa a criação dando-lhe vida e forma¹⁵. Inspirado por essa noção e buscando corporificá-la na arquitetura, o uso do vitral, como podemos ver, entra exatamente como uma representação sensível para esse processo, afinal sem a presença da luz o vitral não tem sentido de ser, sua vida é dada quando a luz do Sol o atravessa e acende suas cores e formas. Conforme destaca Marcos Martinho dos Santos:

O projeto arquitetônico foi todo concebido e empreendido por Suger, que para tal se inspirou nos textos de Dionísio, particularmente em *Da hierarquia celeste*, e também contou com a colaboração de Hugo de S. Vitor, autor de um comentário, a *Da hierarquia celeste*. Ora, no ‘Capítulo I’ de *Da hierarquia celeste*, diz-se que da luz-em-si sai um raio que transfigura a matéria e unifica o homem, de maneira que, por meio daquela, este pode subir do visível ao invisível, ou ainda, da luz sensível à luz inteligível. Por isso, o projeto de Suger incluía inscrições e figuras alegóricas e simbólicas e também um grande vitral que não só resumia toda a hierarquia dos serafins, querubins e tronos, dos poderes, senhorios e capacidades, dos anjos arcanjos e principados, descrita por Dionísio, mas tornava sensível a luz inteligível que, a medida que o atravessava, inundava todo o interior do edifício. (AREOPAGITA, 2004, pág. 15)

E não só isso, Suger demonstra em uma outra passagem dos seus escritos como o caráter estético do seu projeto arquitetônico tinha como função não apenas a beleza como ornamentação, mas sim um movimento de anagogia despertado pelo sensível. Inspirado pela perspectiva de Dionísio sobre a beleza, a obra de Suger visava um movimento que estimulasse

14 Vide MASON, 2009, p. 36.

15 Vide AREOPAGITA, 2019, p. 9.

a elevação a partir do arrebatamento sensível, que permitisse ao observador se elevar na busca daquilo que parte do material sensível, mas que não se prende a ele, e se eleva ao que está de fundo, que estimula para a contemplação do Fundamento. Conforme descreve o próprio Suger:

Assim quando - fora do meu deleite na beleza da casa de Deus - o encanto das multicoloridas gemas me afastou das preocupações externas, e a digna meditação me induziu a refletir, transferindo o que é material ao que é imaterial, na diversidade das sagradas virtudes: então parece-me que me vejo habitando, por assim dizer, em uma estranha região do universo que não existe nem inteiramente no lodo da terra, nem inteiramente na pureza do Paraíso; e que, pela graça de Deus, eu posso ser transportado desse mundo inferior ao superior de um modo anagógico. (PANOFSKY e SUGER, 1979, p. 63. Tradução nossa do inglês)

Essa perspectiva de elevação através do sensível será comum aos nomes da corrente filosófica neoplatônica medieval ao qual Suger tem contato, não só de Dionísio Areopagita, como também de outro filósofo, que citamos anteriormente, e que foi o responsável pela tradução das obras do *Corpus Dionysiacum*, João Escoto Erígena. Portanto, não somente a partir de seus escritos pode-se corroborar essa influência, como também em todo o contexto histórico e filosófico em que Suger se inseria. O ponto aqui é demonstrar como o Gótico é muito mais do que um simples estilo estético, mas é uma construção artística com forte fundamento filosófico, fundamento esse que só se fez possível pelo evento da chegada do *Corpus Dionysiacum* e com a importância que esse evento recebeu em seu período.

Conclusão

Depois de apresentados os contextos histórico e filosófico que se intercalam na concepção do Gótico em St. Denis, podemos partir para as considerações finais a respeito do que foi dito. Concluímos essa nossa breve apresentação sobre o nascimento do Gótico reforçando aquilo que destacamos como sendo o nosso principal objetivo no presente trabalho, a saber, destacar como no berço do Gótico é possível demonstrar que a historiografia e a filosofia dialogam como campos de estudo. Afinal é a partir de eventos históricos, como a identificação de uma autoria de um objeto anterior e de sua datação equivocada que uma obra filosófica ganha um prestígio muito maior do que talvez fosse receber em outro contexto. É essa importância dada aos textos do *Corpus Dionysiacum* que permitem ao abade Suger se inspirar neles e, principalmente, utilizá-los como base de autoridade para suas ações. E não só isso, para além do contexto da época, um outro ponto para aquele que olha do presente buscando compreender o passado se destaca: aquele que pretende se aprofundar na história da arte Gótica

deve necessariamente passar pela compreensão do contexto filosófico da época, do contrário corre o risco de não compreender completamente as causas de seu nascimento. Afinal, como buscamos apresentar aqui, sem a filosofia de Dionísio não existiria, pelo menos não da forma que conhecemos hoje, a arquitetura Gótica. A história da arte se relaciona com a história da filosofia através da obra de Dionísio Areopagita.

Referências bibliográficas

BEIERWALTES, Werner. **Eriugena. I fondamenti del suo pensiero**. Tradução: Enrico Peroli. Milão: Vita e Pensiero, 1998.

CARVALHO, Mário Santiago de; PSEUDO-DIONÍSIO AREOPAGITA. Pseudo Dionísio Areopagita: Teologia Mística [ed. bilingue grego/port.]. Versão do grego e estudo complementar por M.A.S. Carvalho. **Mediaevalia: textos e estudos**. Porto: Fundação Eng. Antonio de Almeida, v. 10 (1996), novembro, 2015, pp. 1-125. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/mediaevalia/issue/view/59>. Acesso em: 04/04/2022.

MASON, Antony. **História da arte ocidental: da pré-história ao século 21**. Tradução: Adriana de Oliveira. São Paulo: Rideel, 2009.

PANOFSKY, Erwin; SUGER. **Abbot Suger: On the abbey church of st. Denis and its art treasures**. [ed. bilíngue latim/inglês] Tradução, edição e notas: Erwin Panofsky. Segunda edição: Gerda Panofsky-Soergel. 2ª ed. New Jersey: Princeton University Press [Edição do Kindle], 1979.

PANOFSKY, Erwin. **Arquitetura gótica e escolástica: sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média**. Tradução: Wolf Hörnke; edição e posfácio de Thomas Frangenberg. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PSEUDO-DIONÍSIO AREOPAGITA. **A hierarquia celeste**. 1ª Ed. Campinas, SP: Ecclesiae, 2019.

PSEUDO-DIONÍSIO AREOPAGITA. **Dos nomes divinos**. Introdução, tradução e notas: Bento Silva Santos. Prefácio de Marcos Martinho Santos. São Paulo: Attar, 2004.